

## UMA CASA SEM TETO: INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA VIDA DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Joisy Aparecida Marchi\*  
Lígia Carreira\*\*  
Maria Aparecida Salci\*\*\*

### RESUMO

Objetivou-se com este estudo identificar os principais motivos apontados pela população em situação de rua que a levaram a essa condição e analisar a influência da família diante desse cenário. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de natureza qualitativa. Os dados foram coletados no período de agosto de 2010 a junho de 2011, nas dependências de um albergue, junto a 19 pessoas que se encontravam em situação de rua no município de Maringá - PR. Identificou-se que a família tem forte influência na condição de situação de rua, pela ausência de laços familiares, pelo rompimento desses laços por desavenças, brigas, dependência química, separação conjugal, perda dos membros familiares pelo evento de morte, falta de condições financeiras para acolhimento ou outros motivos. Identificou-se também, na maioria dos casos, um grande desejo de reconstruir ou formar uma nova família. Conclui-se que este é um fenômeno complexo e multifatorial, que exige intervenções intersectoriais, e que a Enfermagem deve atentar para as necessidades afetadas dessa população, que padece nas ruas das cidades.

**Palavras-chave:** População em Risco. Relações Familiares. Enfermagem.

### INTRODUÇÃO

A presença de pessoas em situação de rua é um fenômeno em ascensão, principalmente nas grandes cidades. Decorre de modificações no âmbito econômico, político e social alavancadas pelo capitalismo<sup>(1)</sup> e por uma sociedade globalizada, desigual e com acentuada exclusão social.

A rua pode se tornar um amparo para aqueles que dormem esporadicamente em baixo de marquises de lojas, viadutos, bancos de jardim esporadicamente ou ser uma forma de vida para os que já constituíram dela sua “casa” e mantêm uma complexa rede de relações nas ruas. Esse movimento de adaptação acontece em três ocasiões distintas, a saber: ficar na rua, estar na rua e ser da rua. Essa alteração semântica parece exprimir uma condição de oscilação que vai do transitório ao permanente na relação com o espaço público<sup>(2)</sup>. Assim, o termo mais adequado para designar essas pessoas é população em situação de rua, e não moradores de rua.

Na ordem nacional já existe uma grande preocupação com essa população. Exemplos disso foram as discussões em diversos momentos específicos, como: o I Encontro Nacional de

População em Situação de Rua em 2005; a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizada pelo Instituto Meta entre 2007 e 2008, que objetivou traçar um perfil dessa população em 71 municípios brasileiros<sup>(3)</sup>; o texto preliminar da Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua em 2008; e o II Encontro Nacional sobre essa população ocorrido em 2009. Essas discussões subsidiaram a elaboração do Decreto nº 7053, de 23 de dezembro de 2009, o qual instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua<sup>(4)</sup>.

A situação de rua pode estar condicionada à vulnerabilidade das pessoas tanto no aspecto macro, que se refere a tendências estruturais amplas do sistema político-econômico, como no espaço micro, condizente com o nível individual, a exemplo da falta de apoio familiar, evidenciando que ir para a rua decorre de um conjunto de fatores sociais, individuais e contextuais<sup>(1)</sup>. Na realidade é um problema de grande complexidade que não pode ser explicado por uma perspectiva unívoca e unicausal.

Destaca-se que a família, como instituição acolhedora e responsável pela transmissão de valores éticos e morais e pelo planejamento do futuro, é capaz de cooperar para o desenvolvimento e socialização de seus membros<sup>(5)</sup>. Dessa forma,

\*Mestrando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR, Brasil. E-mail: joismarchi@hotmail.com. Endereço para correspondência.

\*\*Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UEM, Maringá-PR Brasil. E-mail: ligiacarreira@hotmail.com.

\*\*\*Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista CNPq. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UEM, Maringá-PR Brasil. E-mail: masalci@uem.br

embora apenas no espaço microsociológico, a família pode ter importante papel para a condição de situação de rua, sendo ao mesmo tempo contribuinte e solução para os indivíduos que se encontram nesta condição. Para atender aos objetivos da pesquisa, foram feitos os seguintes questionamentos: “A família tem contribuído para a situação de rua?”; “Que eventos presentes no contexto familiar podem favorecer tal condição?”.

Como os indivíduos em situação de rua vivem em condições insalubres, de exclusão social e vulnerabilidade, expostos a riscos, sujeitos à violência ou ainda sob ação contínua de álcool e drogas, é fundamental a existência de uma atenção especial para esses sujeitos. Ademais, faz-se necessário desenvolver estudos que auxiliem na compreensão do fenômeno população em situação de rua, principalmente no que tange aos motivos para essa condição, pois é neste ponto que podem surgir ações preventivas e de promoção, evitando que outros indivíduos façam das ruas suas casas. Dessa forma, este estudo tem como objetivo identificar os principais motivos apontados pela população em situação de rua que levaram esses indivíduos a essa condição, e analisar a influência da família diante desse cenário.

## METODOLOGIA

O estudo é descritivo-exploratório de natureza qualitativa. A escolha da abordagem qualitativa se deve ao fato de ela permitir desvelar processos sociais desconhecidos ou com escasso conhecimento já adquirido, propiciando a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos ou hipóteses<sup>(6)</sup>.

Os dados foram coletados no período de agosto de 2010 a junho de 2011, junto a 19 pessoas que se encontravam em situação de rua no município de Maringá - PR. Os participantes foram selecionados no albergue de referência do município nos horários de término do pernoite e próximo ao almoço. O albergue atende a população de Maringá e região que porventura necessite desse serviço. Esta instituição foi fundada em 1959 e oferece pernoite, café da manhã, almoço, jantar, roupas, local para banho e concessão de passagens terrestres. O local tem capacidade para abrigar 200 pessoas, no entanto o fluxo diário dificilmente ultrapassa 150, exceto no período de inverno. A principal norma da instituição é a não permanência por mais de três dias consecutivos, por considerar

que este deve ser um local para uma situação passageira, e não definitiva.

Foram incluídos no estudo pessoas que aparentavam estar sóbrias, ou seja, sem a influência de substâncias psicoativas como álcool e outras drogas, e com preservação do estado cognitivo. Após a identificação da pessoa eram fornecidas as informações referentes à pesquisa e, após seu consentimento, dava-se início à entrevista.

A coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada, realizada nas dependências do albergue. Elas tiveram duração média de 30 minutos e foram gravadas em sistema de áudio. O questionário foi composto de duas partes: a primeira constituiu-se de dados de caracterização sociodemográfica e a segunda por questões referentes ao contexto familiar e de vida. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra para análise e interpretação dos dados, os quais foram submetidos ao processo de análise de conteúdo<sup>(7)</sup>, pois essa técnica permite descobrir o que está além dos conteúdos manifestos. Constitui-se de um conjunto de técnicas de comunicação que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens, conhecimentos que permitem a construção das categorias temáticas<sup>(7)</sup>.

Considerando os aspectos éticos da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, o projeto foi submetido à análise do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá e obteve parecer favorável de número 188/2011. Além disso, obteve-se a autorização do albergue para contatar os informantes e utilizar seu espaço físico para a coleta de dados. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias. Para garantir seu sigilo e anonimato, os envolvidos estão identificados pela letra S seguida de um indicativo da ordem de entrevista e de um da idade do entrevistado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os participantes da pesquisa eram do sexo masculino. Esse dado vai ao encontro da Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, segundo a qual 82% das pessoas nessa

condição são homens<sup>(3)</sup>. A média de idade foi de 36 anos, sendo a idade mínima de 20 anos e a máxima de 57. Esse dado também concorda com a Pesquisa Nacional, na qual 53% dos participantes encontravam-se na faixa etária entre 25 e 44 anos<sup>(3)</sup>. Essa faixa etária é socialmente considerada como a mais produtiva, porém muitos adultos jovens encontram-se nessas condições: sem trabalho, privados dos estudos e enfrentando as insalubridades e riscos presentes nas ruas das cidades.

Com relação ao tempo em que os entrevistados se encontram em situação de rua, foi constatada uma média de 6,5 anos, variando entre três dias e 27 anos. Fato semelhante foi verificado em outro estudo sobre essa população realizado em Belo Horizonte, em que a maior parte das pessoas estava na rua havia mais de cinco anos<sup>(8)</sup>. O tempo pode determinar as chances de um indivíduo sair mais rapidamente ou não dessa situação. Na maioria dos casos, quanto menor o tempo de permanência na rua, maior a probabilidade de sair dessa situação, sendo o oposto verdadeiro<sup>(8)</sup>.

Quanto ao local de origem, referiram vir de diversos lugares, geralmente daquelas cidades em que existem abrigos ou albergues. Em sua maior parte, os indivíduos estão desempregados, alguns se situam na chamada economia informal, fazendo bicos, ou com trabalhos temporários, o que favorece uma instabilidade financeira, contribuindo para que fiquem por períodos longos na situação de rua. Sobre o estado civil, treze entrevistados referiram que já tinham tido companheira e no momento estavam separados, divorciados ou viúvos, e os outros seis, solteiros. Observa-se aqui a desvinculação familiar vivenciada por essas pessoas, o que pode dificultar o processo de saída das ruas em alguns casos.

A análise dos dados permitiu a identificação de duas categorias: "As influências da família para o viver nas ruas" e "A questão social na vida das pessoas em situação de rua". Nesse artigo será apresentada a primeira categoria com suas subseqüentes categorias.

### **As influências da família para o viver nas ruas**

A família configura-se como o eixo essencial para o desenvolvimento integral dos indivíduos e a determinação da forma de existência social de suas crianças e adolescentes, cabendo-lhe a

responsabilidade pelos aportes afetivos e materiais necessários para o adequado desenvolvimento de seus membros, garantindo assim a sua sobrevivência e proteção<sup>(9)</sup>.

Por outro lado as pessoas em situação de rua ficam privadas desse convívio, perdendo a referência de família e os benefícios por ela oferecidos, o que instiga a conhecer algumas particularidades desse fenômeno, em vista de sua complexidade e suas múltiplas facetas, uma vez que os fatores condicionantes e determinantes da condição de rua encontram-se interligados. Assim, essa categoria está composta por três subcategorias apresentadas a seguir.

### **Influências das drogas no contexto familiar**

Sabe-se que o uso de substâncias psicoativas é um problema de saúde pública, considerando-se a diversidade de pessoas envolvidas, os gastos para o sistema de saúde e as implicações para os usuários. Traz conseqüências para a saúde, ao aspecto econômico e às relações sociais e familiares dos indivíduos<sup>(10)</sup>.

[...] eu tenho familiar, tenho pai, mãe e irmãos [...] É! Tem um motivo para não conviver com eles sim, antes eu era dependente químico e isso afetou muito o relacionamento, até chegar ao ponto de eles não me aceitarem mais; só que agora que eu me recuperei eu estou sozinho no mundo (S<sub>1</sub> 29 anos).

[...] eu tinha amasiado com uma mulher, então eu tive esse problema com a droga e tivemos que desligar um do outro. Ela tem filha pequena, aí achei melhor eu sair, por precaução. Só que aí eu fiquei na rua, sem moradia, mas eu estou indo para casa de recuperação, desintoxicar, melhorar, depois vou ver [...] (S<sub>2</sub> 43 anos).

Sobre o uso de substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas, em comparação com o nível socioeconômico das pessoas, observa-se que há maior prevalência no consumo de álcool e tabaco nos extremos da escala social<sup>(11)</sup>. Diferentemente, as substâncias ilícitas tendem a ser de maior expressão nas classes de melhor condição econômica<sup>(11)</sup>; portanto esse problema atinge os diferentes segmentos sociais, e, independentemente do tipo de substância utilizado e do nível socioeconômico das pessoas, as drogas podem desencadear experiências negativas para todos.

Tenho família e eles são bem financeiramente falando. Minha mãe é falecida, pai e irmãos eu tenho, três irmãos. Não tenho contato com eles, não

quero ter pelo fato de viverem me julgando. Eu já fui dependente químico, e eles me apontavam, me tachavam ao invés de me ajudar [...], assim desde 2007 passei a frequentar esses serviços, quando eu saí de casa por decisão própria (S<sub>3</sub> 20 anos).

A família que vivencia uma crise em virtude do envolvimento de um de seus membros com substâncias psicoativas passa por alterações em seu processo relacional, podendo todo o grupo ser afetado, com conseqüente aumento do sofrimento emocional dos constituintes<sup>(5)</sup>. É perceptível a importância do apoio familiar ao dependente químico, visto que uma boa interação, acompanhada de comprometimento e envolvimento conjunto, pode ajudar o sujeito a encontrar motivos e força na luta contra o vício.

Por outro lado, se a condição socioeconômica tem pouca influência na utilização dessas substâncias, as fontes primárias de socialização que lhe fornecem as bases de interação para o convívio social podem contribuir significativamente<sup>(12)</sup>. O adolescente tem necessidade de socialização e pertencimento a uma rede de convívio, o que pode resultar em constantes pressões de seus membros e culminar no rompimento dos laços familiares e em sua adesão a comportamentos de risco<sup>(13)</sup>, entre eles a utilização de drogas, que pode configurar-se como uma prova de identificação:

[...] eu saí de Cuiabá revoltado, porque a gente tinha condições boas lá e meu pai vendeu tudo para ir para São Paulo. Chegou lá cidade grande, eu já estava revoltado e comecei a usar drogas desde os onze anos. Usei tudo: cerveja, bebidas destiladas, maconha, cocaína, crack até cola. Porque lá em Cuiabá eu morava numa chácara e meus amigos eram tudo do mato, e quando cheguei em São Paulo, aquela molecada diferente, aí eu conheci a cola. [...] acabei virando mendigo [...] (S<sub>4</sub> 31 anos).

Na fase de adolescência ocorre um distanciamento dos pais e a possibilidade de identificação com outros grupos; assim, devido à vulnerabilidade e à necessidade de ser aceito pelos pares, o jovem pode ter atitudes que se encaminham para o risco do uso e abuso de drogas<sup>(5)</sup>, como aconteceu com S<sub>4</sub>. Dessa forma, o fator desencadeante para a condição de rua foram às drogas, mas o que contribuiu definitivamente para ir e/ou permanecer nas ruas foi o fato de romperem com os laços familiares.

A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua pontua que 35,5% dos

entrevistados referiram o alcoolismo e a drogadição como os principais motivos para habitarem as ruas<sup>(3)</sup>. Tais vícios trazem uma degradação da estrutura familiar, suscitando perdas de vínculos sociais, tornando-se muitas vezes difícil a reinserção na família.

[...] só que eles [familiares] não conseguem se aproximar novamente de mim, eles têm desconfiança, não acreditam, por mais que hoje eu estou diferente, sou uma nova pessoa, eles não acreditam e têm medo de se aproximar (S<sub>4</sub> 31 anos).

[...] eu queria voltar para minha família, mas eu acho que não posso mais, pois minha consciência não deixa voltar, porque eu aprontei demais (S<sub>1</sub> 29 anos).

Com o rompimento dos laços afetivos familiares, muitas vezes essas pessoas procuram recuperar o significado dessa perda com a construção de novos vínculos com outros sujeitos que vagueiam pelas ruas e veem nessas novas amizades a possibilidade de sobreviver conjuntamente, enfrentando os riscos e as surpresas que esse espaço oferece<sup>(14)</sup>.

[...] Olha, eu acostumei tanto, que aonde eu chego parece que eu tenho uma família. Eu não desprezo a minha, porque eu reconheço que sou errado, mas também eu vejo que a gente acostuma (S<sub>5</sub> 57 anos).

Destaca-se aqui a capacidade de resiliência dessas pessoas, que é a habilidade dos seres humanos de enfrentar as adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecidos e, possivelmente, modificados<sup>(15)</sup>, S<sub>5</sub> adaptou-se à condição vivenciada, aprendeu a conviver e a ser das ruas, vislumbrando nas pessoas que compartilham essa situação novos laços afetivos.

### Vivenciando a morte de familiares

O luto é caracterizado como um momento de adaptação das pessoas envolvidas com a nova realidade imposta: conviver sem a presença de um familiar ou ente querido. Esse processo está diretamente relacionado às experiências pessoais e familiares no contexto da morte, ao tipo de óbito, à capacidade de superação e à relação anterior com o falecido<sup>(16,17)</sup>.

A partir da vivência do luto, frequentemente observam-se sintomas psíquicos como desorientação, angústia, depressão, raiva, além de distúrbio de sono, alterações dos hábitos de vida

como aumento de bebidas alcoólicas e fumo, mudança na alimentação, fatores que podem desencadear queixas somáticas<sup>(16,17)</sup>. Com o tempo superam-se tais sentimentos e vários ajustes são necessários para dar continuidade à vida; entretanto, dependendo do papel do falecido no sustento da família, esta pode apresentar dificuldades financeiras e sofrer profundas alterações em seu cotidiano:

Eu vim de Londrina, eu tranquei a faculdade lá de Engenharia Elétrica porque minha mãe faleceu e ela me ajudava com as despesas [...] eu vim para cá meio desestruturado e precisei ficar aqui para não dormir na rua. Eu tenho uma irmã nos Estados Unidos, que foi para lá depois que minha mãe faleceu, tenho meu irmão aqui em Maringá, inclusive quando eu vim para cá foi para procurar ele. Ele é casado e tem filhos, quando eu preciso ele me ajuda, mas é difícil eu precisar, eu faço os bicos de eletricitista e me viro, pago a pensão, me alimento (S<sub>6</sub> 26 anos).

Percebe-se a gama de consequências da morte de um familiar, podendo ter inclusive implicações nas perspectivas profissionais de uma pessoa, como explicitado no relato de S<sub>6</sub>; porém essas implicações também têm relação com a capacidade do sujeito de enfrentar situações estressantes, como a morte dos pais, ou seja, o grau de resistência que permite superar os efeitos nocivos das adversidades é uma característica intrínseca de cada indivíduo.

Em certas situações o luto pode ser vivido intensamente, sofrendo um desvio no processo natural de superação. Os familiares têm vários aspectos alterados em suas vidas, tais como a capacidade individual e cognitiva, mudanças afetivas e sociais, e possíveis complicações físicas<sup>(16)</sup>. Tais mudanças podem culminar com uma situação de rua.

Depois que meu pai e minha mãe faleceram, de vez em quando eu tenho que usar esse serviço. Meu pai tem um ano que morreu e minha mãe já vai pra seis (S<sub>7</sub> 33 anos).

[...] perdi minha mulher com leucemia faz três anos, meu filho casou, e eu estou sozinho no mundo. Tive uma família maravilhosa, quando eu tinha minha mulher, aproveitei tudo, minha mulher era muito especial (S<sub>8</sub> 52 anos).

Além da perda vivenciada pelo óbito dos integrantes da família de origem, a dificuldade fica mais evidente quando a pessoa não constituiu uma

nova família. Assim, o viver sozinho ou ficar solteiro, seja por opção, pelo fato de realmente não conseguir um cônjuge ou por algum acontecimento da vida, traz consigo aspectos positivos e negativos. Destacam-se as dificuldades enfrentadas após a morte dos pais, principalmente no âmbito econômico, como se evidencia nos depoimentos:

[...] desde treze, quatorze anos eu uso esse serviço [...] Já morreu tudo, meu pai e mãe já morreram e meus irmãos estão tudo sumido, e nem casei, nem amigui, nem nada. Quando eu estava com eles era importante para mim, agora ficou difícil, porque estou sozinho no mundão aí (S<sub>9</sub> 41 anos).

Eu tenho meu irmão lá em São Paulo e ele tinha uma casinha lá eu morava com ele, naquela época meus pais eram vivos e estavam sempre juntos ali. As coisas eram mais fáceis. Sou solteiro, não tive filhos [...] Não dá para viver junto com meus irmãos, eles são pobres também e um já aposentou e outro tem cinco filhos, um outro paga aluguel (S<sub>10</sub> 55 anos).

Evidenciam-se nos depoimentos alterações nas trajetórias de vida, decorrentes de uma realidade presente - a morte de seus familiares, e todas as dificuldades enfrentadas com a ausência da instituição familiar.

### Rompimento dos laços afetivos familiares

O processo de separação conjugal é considerado uma experiência muito difícil e dolorosa na vida de muitos casais. Estes passam por diversas adaptações em decorrência da perda do parceiro, as quais são condicionadas a alguns fatores (econômico, social, cultural, religioso) e ainda, às redes de apoio estabelecidas<sup>(18)</sup>.

[...] separei da minha mulher faz três dias, mas agora eu estou duro porque eu larguei da mulher e tudo que eu tinha eu deixei com ela [...] É muito triste ficar nessa situação sabendo que você teve e tem condições de morar em uma casinha. Às vezes eu vejo na rua mesmo, as pessoas bravas porque perderam o ônibus, mas logo passa outro e elas vão para casa. E eu que vou ter que ficar na rua ou ir para um albergue? (S<sub>12</sub> 22 anos).

Embora às vezes a separação possa ser uma solução visível para certos casais em crise, ela significa, também, a saída de casa de um de seus membros. Dessa forma, dependendo da estrutura familiar anterior, alguns podem experimentar a condição de rua, cabendo ao homem, na maior parte das vezes, cumprir esse papel em prol dos demais familiares.

[...] eu passei a utilizar esses serviços desde que eu separei da mulher, faz uns 10 meses [...] Eu não gosto de ficar em albergue, porque antes eu nunca fiquei, tinha minha família, meus filhos, tinha casa (S<sub>13</sub> 35 anos).

Esse participante é enfático ao dizer que antes da desvinculação ele convivia em um ambiente familiar, inclusive com moradia. Assim, ainda que a separação possa ter colaborado ou ser responsável pela condição de rua, ao mesmo tempo o restabelecimento desses vínculos em alguns casos, passa a ser a solução para essas pessoas. Além da separação conjugal, há também a possibilidade do rompimento dos laços familiares entre pais e filhos ou entre irmãos. Após o afastamento muitos deixam sua casa e, sem ter um local onde residir, passam a viver em situação de rua.

Eu saí de casa faz três anos, eu e meu irmão brigávamos muito e minha mãe apoiava mais ele, então eu deixei eles morando e saí fora, porque eles se merecem [...] tenho contato mas prefiro ficar na minha mesmo, nós não combinamos muito e por isso eu não estou mais em casa (S<sub>14</sub> 21 anos).

Essa separação muitas vezes ocorre na adolescência, período suscetível a rápidas e intensas transformações na vida dos jovens. Suas características emocionais e físicas e suas manifestações comportamentais aos poucos se definem, estando diretamente ligadas às relações sociais, culturais e familiares do adolescente<sup>(5,19)</sup>. O jovem é convidado a construir o seu projeto de vida a partir de suas vivências, que podem ser conflituosas, principalmente no contexto familiar, levando o jovem a preferir conviver com “amigos” a conviver com sua família, e a vislumbrar liberdade no cotidiano das ruas:

[...] família tem horas que é coisa ruim, problemas, só para passar raiva, aí eu prefiro ficar sozinho mesmo. Eu estava na casa de uns amigos, aí eu vim para cá pra ver se ganho mais trabalhando (S<sub>14</sub> 21 anos).

Eu saí de casa com sete anos de idade. Acho que essa é a vida que eu sempre procurei: ser independente (S<sub>15</sub> 22 anos).

Muitos jovens que vivem em situação de rua, muitas vezes procedem de famílias numerosas, desestruturadas, de nível socioeconômico reduzido, com pais consumidores de álcool ou drogas, e têm

uma convivência familiar repleta de conflitos e desajustes, adversidades que pesam na vida das pessoas<sup>(20)</sup>. Foi constatado, na Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, que as desavenças familiares são um dos principais motivos para a condição de situação de rua (29,1%)<sup>(3)</sup>. Para alguns, tornam-se uma experiência tão negativa as relações conflituosas que não conseguem conceber a ideia de voltar para junto de suas famílias, tornando-se irônicos ao se referirem à atual condição.

Família? Ah! Isso ai ficou na falta [silêncio]. Eu vou para Cianorte hoje, estou indo com a cara e a coragem. Tem um pessoal daqui que vai para lá aí eu vou também, continuar minha vida, sozinho e tranquilo (S<sub>3</sub> 20 anos).

Não sei o que significa família, porque eu não tive muito com a minha família. Não dá para falar muita coisa. Eu tenho pai e mãe, mas tenho pouco contato com eles. Eu não tenho aquela alegria de ir à casa deles, eu me sinto incomodado de ir lá [...]. No momento, se eu te falar o que eu estou mais gostando [risadas]: é de cachaça! (S<sub>15</sub> 22 anos).

Mesmo com todas as adversidades vivenciadas pelas pessoas em situação de rua com seus familiares, os quais muito contribuíram para que estivessem nessa condição, percebe-se que o ser humano rompe laços afetivos, mas não rompe sonhos de um viver melhor, de formar novas relações ou resgatar relações anteriores e projetar um novo viver, em que as relações sejam saudáveis e tragam conforto e aconchego, mesmo que em âmbito imaginário, quando se tem uma família. Para alguns dos entrevistados, o termo família ainda tem um grande significado, pois, mesmo estando na situação de rua, constroem sonhos para um futuro próximo, como revelam os depoimentos:

[...] Eu quero consertar minha vida de novo, firmar nessa empresa em que eu estava, futuramente casar com essa mulher, ter minha casinha e uma vida em paz, porque aqui no Paraná eu não tenho mais ninguém, é só Deus e ela (S<sub>2</sub> 43 anos).

Pretendo conhecer uma pessoa e dar um futuro bom para ela, ter um filho. Um dos meus maiores sonhos é ter um filho e nunca consegui até hoje. Às vezes o povo fala que eu tenho sorte, mas eu queria um filho para dar para ele o que minha mãe não deu para mim [...] Entrar na igreja bem vestido e a mulher de noiva, pensar mais na mulher, não só naquelas horas,

porque a mulher precisa de um homem e um homem precisa da mulher (S<sub>12</sub> 22 anos).

Família é a coisa mais importante, eu tenho vontade de reconstruir minha vida, formar outra família e ter um lar, pois eu me dedicava muito aos meus filhos [...] (S<sub>16</sub> 46 anos).

Assim, mesmo tendo vivenciado conflitos e desajustes nos arranjos familiares, as pessoas almejam conviver em família, seja com a reestruturação dos vínculos anteriores, seja com a constituição de novos vínculos. Elas veem no viver em família um plano futuro, que substitui o sentimento de solidão e tristeza vivido nas ruas por momentos de alegria e paz.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se neste estudo quão forte é a influência que a falta de referências familiares exerce na vida das pessoas em situação de rua e quanto contribui para essa condição, tanto na decisão em sair de casa, como na de não mais voltar. Constatou-se que os desajustes experienciados na convivência familiar, devido à dependência química, à perda de membros familiares pelo evento de morte e ao rompimento de laços afetivos familiares por diversos motivos ou à falta desses laços, podem contribuir significativamente para que as pessoas passem a habitar nas ruas.

Pode-se afirmar que a família é, direta ou indiretamente, responsável pela condição de situação de rua. Mesmo que o fator desencadeante dessa condição tenham sido as drogas ou a morte de familiares ou a separação familiar, o que contribuiu definitivamente para ir e/ou permanecer nas ruas foi o fato de perder os vínculos familiares e, conseqüentemente, sua moradia.

Diante desses aspectos, este é um fenômeno complexo e multifatorial, exigindo intervenções convergentes de vários setores e serviços, na tentativa de solucionar essa condição que faz parte da vida de muitas pessoas. Cabe aos gestores viabilizar políticas públicas que contemplem a saúde, educação, habitação, trabalho, renda, cultura, assistência social e garantia de direitos humanos, principalmente para a população que apresenta maior vulnerabilidade a essa condição.

Por meio de acompanhamento multiprofissional pode-se trabalhar essa questão de forma interdisciplinar e integral, deslocando-se da Assistência Social a responsabilidade exclusiva pelo atendimento a este segmento. Os profissionais de saúde devem estar atentos a essa população, com destaque para a Enfermagem, que cuidará diretamente dessas pessoas e deve olhar integralmente para as suas necessidades. Deve também identificar as famílias com desajustes e risco iminente de rompimento dos laços familiares e pensar soluções pertinentes em conjunto com as pessoas e demais serviços envolvidos. No caso de uma situação de rua instalada, esforços devem ser envidados na perspectiva de reinserção familiar, ou então, pode-se buscar uma condição econômica favorável, dando a possibilidade de uma vida independente e livre para a construção de novas referências e novas redes familiares.

Entende-se ainda que uma das limitações do estudo foi o fato de a pesquisa ter sido realizada com um grupo pequeno de pessoas em situação de rua, sendo estes apenas do sexo masculino. Faz-se necessário realizar outros estudos com a finalidade de identificar as razões que levam pessoas a essa condição de viver nas ruas, bem como estudos avaliativos dos serviços que prestam atendimento a essa população, de forma que os achados possam apontar novas perspectivas de assistência e apoio a ela.

---

## HOUSE WITHOUT A ROOF: THE FAMILY INFLUENCE IN THE LIFE OF STREET PEOPLE

### ABSTRACT

The objective of this study was to identify the reasons given by street people which led them to this condition, as well as analyze the influence of their families in this scenario. It is a descriptive exploratory study of qualitative nature. Data were collected between August 2010 and June 2011, at a hostel; 19 street people who were living in the streets of Maringá-PR were interviewed. It was found that families play a major role in the street condition, whether through the absence of one, or because family ties were disrupted because of fights, quarrels, drug addiction, divorce, loss of family members due to death, lack of financial resources, among others. However, the will to rebuild or build a new family is in a great desire. It can be concluded that this is a complex and multifactor phenomenon, which requires cross-section interventions, and that nursing must address the needs of this population, who is suffering in the streets.

**Keywords:** Population at Risk. Family Relations. Nursing.

---

## CASA SIN TECHO: INFLUENCIA DE LA FAMILIA EN LA VIDA DE PERSONAS EN SITUACIÓN DE CALLE

### RESUMEN

Este estudio tuvo el objetivo de identificar los principales motivos señalados por la población en situación de calle que le llevaron a esta condición y analizar la influencia de la familia delante de este escenario. Se trata de un estudio descriptivo-exploratorio de naturaleza cualitativa. Los datos fueron recolectados en el período de agosto de 2010 a junio de 2011, en las dependencias de un albergue, junto a 19 personas que se encontraban en situación de calle en el municipio de Maringá - PR. Se identificó que la familia tiene fuerte influencia en la condición de situación de calle, por la ausencia de lazos familiares, por la ruptura de estos lazos por desavenencias, peleas, dependencia química, separación conyugal, pérdida de los miembros familiares por el evento de muerte, falta de condiciones financieras para acogimiento u otros motivos. Se identificó también, en la mayoría de los casos, un gran deseo de reconstruir o formar una nueva familia. Se concluye que éste es un fenómeno complejo y multifactorial, que exige intervenciones intersectoriales, y que la Enfermería debe atender para las necesidades afectadas de esta población, que padece en las calles de las ciudades.

**Palabras clave:** Población en Riesgo. Relaciones Familiares. Enfermería.

### REFERÊNCIAS

1. Aguiar MM, Iriart JAB. Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2012; 28(1):115-24.
2. Junior NC, Jesus CH, Crevelim MA. A Estratégia Saúde da Família para a Equidade de Acesso Dirigida à População em Situação de Rua em Grandes Centros Urbanos. *Saúde soc*. 2010; 19(3):709-16.
3. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Meta Instituto de Pesquisa de Opinião. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília (DF); 2008.
4. Decreto-Lei nº 7053 de 23 de Dezembro de 2009(BR). Institui a Política Nacional para População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e da outras providencias. *Diário Oficial da União*, 2009 dez 24; Seção 1.
5. Oliveira EB, Bittencourt LP, Carmo AC. A importância da família na prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes: Papel materno. *Rev. SMAD*. 2008; 4(2):1-16.
6. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO; 2007.
7. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
8. Ferreira FPM, Machado S. Vidas privadas em espaços públicos: os moradores de rua em Belo Horizonte. São Paulo: Cortez; 2007.
9. Gontijo D, Medeiros M. Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social. *Ciênc. saúde coletiva*. 2009; 14(2):467-75.
10. Rosenstock KIV, Neves MJ. Papel do enfermeiro da atenção básica de saúde na abordagem ao dependente de drogas em João Pessoa, PB, Brasil. *Rev Bras Enferm*. 2010; 63(4): 581-6.
11. Burrone MS, Bueno SMV, Costa Junior ML, Enders J, Fernández RA, Vasters GP. Análisis de la frecuencia de experimentación y consumo de drogas de alumnos de escuelas de nivel médio. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2010; 18(Spec); 648-54
12. Kaiser DE, Silva JO. Oficina de Fanzine com adolescentes usuários de drogas: uma visão em Enfermagem. *Cienc cuid saúde*. 2010; 9(1):161-6.
13. Schwonke CRGB, Fonseca AD, Gomes VLO. Vulnerabilidades de adolescentes com vivências de rua. *Esc Anna Nery*. 2009; 13(4):849-55.
14. Arrà ASN. A abrigagem de “moradores de rua”: Um estudo sobre as trajetórias de exclusão e expectativas de reinserção. [monografia]. Porto Alegre (RS): Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, 2009. 75p.
15. Alvarez AMS, Alvarenga AT, Della Rina SCSA. Histórias de Vida de Moradores de Rua. Situações de Exclusão Social e Encontros Transformadores. *Saúde soc*. 2009; 18(2):259-272.
16. Souza AM, Moura DSC, Corrêa VAC. Implicações do Pronto-Atendimento Psicológico de Emergência aos que vivenciam perdas significativas. *Psicol Cienc Prof*. 2009; 29(3): 534-543.
17. Santos EM, Sales CA. Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto & contexto enferm*. 2011; 20 (Esp):214-22.
18. Cano DS, Gabarra LM, Moré CO, Crepaldi MA. As Transições Familiares do Divórcio ao Recasamento no Contexto Brasileiro. *Psicol Reflex Crit*. 2009; 22(2): 214-222.
19. Rezende AM, Schall VT, Modena CM. O “adolescer” e adoecer: vivência de uma adolescente com câncer. *Aletheia*. 2009; 30:88-100.
20. Martins CBG, Jorge MHPM. Situação de mendicância, trabalho precoce e prostituição infantil envolvendo crianças e adolescentes em Londrina, Estado do Paraná- 2006. *Acta sci*. 2009; 31(1): 23-9.

**Endereço para correspondência:** Joisy Aparecida Marchi. Rua Beija-flor, nº 1840. CEP: 86730-000. Astorga, Paraná.

**Data de recebimento:** 30/09/2011

**Data de aprovação:** 23/10/2013